

O PENSAR E A REDESCOBERTA DA EXPERIÊNCIA

Luís Fernando Moraes de Mello¹

RESUMO: Podemos caracterizar a modernidade por seu empreendimento do desligamento das partes do todo. Seu objetivo foi proporcionar o conhecimento seguro a partir da experimentação que se pudesse fazer da parte, com o fim de descobrir as leis que a determinavam. Esta forma de compreender a relação entre sujeito e conhecimento, homem e mundo implica em uma submissão do pensamento a padrões que pré-dados inibem a singularidade da experiência humana. É neste sentido que a experiência, fruto dos sentimentos e da história do homem singular, deixa de ser considerada pelo pensar objetificante da ciência. O resgate da experiência nos move para um pensar permeado pelo tempo e pela imaginação, que vai além do mundo predeterminado pelos padrões impostos pela ciência.

ABSTRACT: We can characterize modernity by its enterprise shutdown of parts the whole. His goal was to provide the secure knowledge from experimentation that could do the part, in order to discover the laws that determined. This way of understanding the relationship between subject and knowledge, man and the world implies a submission to the thought patterns that pre-data, which inhibit the uniqueness of human experience. In this sense, the experience, the result of feelings and natural history of man, no longer considered by objectifying thinking of science. The rescue of experience moves us into a thinking permeated by time and imagination that goes beyond predetermined by world standards imposed by science.

SUMÁRIO: 1 Introdução; 2 A experimentação e a experiência; 3 A disciplina e a infância; 4 Conclusão; Referências.

1 INTRODUÇÃO

Pensar nas possibilidades de uma educação que contemple a interdisciplinaridade não passa apenas pela superfície que um debate acerca de referenciais teóricos que transformem a epistemologia pode nos oferecer. Devemos, antes de tudo, refletir sobre nossa postura diante do mundo e o quanto contribuimos para a situação que enfrentamos.

Um simples discurso sobre estruturas epistemológicas pode cair no vazio se não nos dermos conta de que, antes de qualquer coisa, a mudança passa por nós mesmos. Por isso, precisamos redescobrir em nossa existência a autenticidade que a infância nos proporciona.

Mas para essa busca não ser mais um simples momento retórico e artificial, devemos nos deixar guiar por nossos desejos e sonhos. Navegar por esse espaço exige

¹Professor da Faculdade de Direito da AJES. Mestre em Direito pela UNISINOS.

muito comprometimento e desapego dos nossos condicionamentos.

Neste trabalho, procuro tratar dos problemas do condicionamento que a ciência moderna e o pensar que a estruturou provocaram nas possibilidades de construção de mundo e nas possibilidades da existência humana. Para tanto, procuro expor o encantamento do homem pela promessa de um ancoradouro seguro nas bases da ciência e suas implicações na forma de se compreender a experiência e a disciplina.

2 A EXPERIMENTAÇÃO E A EXPERIÊNCIA

Desde Aristóteles, a visão foi reconhecida como o sentido privilegiado para o pensar e o conhecer.² Essa orientação marcou toda a tradição ocidental. Esta influência é percebida pela predominância de certas expressões no jargão científico e filosófico, como contemplar, evidência, perspectiva, ponto-de-vista, visão de mundo, enfoque, entre outras.

O pensar como extensão da ocularidade é o pensar que conhece uma realidade objetual do mundo. O desenvolvimento deste pensar está fundado na possibilidade de se elaborar distinções que conduzam à clareza e, por conseqüência, a entendimentos seguros sobre a realidade.

Este pensar coloca todo “pensante” como um operário do pensar a realidade. Entretanto, ele não é operário por edificar algo, mas sim por estar subordinado à operatividade de algo já criado. O operário edifica construções programadas, sem ter qualquer identidade com o criado. Isto por que a criatividade do operário é um risco para a ordem da edificação.

Entretanto, uma outra possibilidade para o pensar ficou esquecida na memória da humanidade. Anaxágoras dizia que “o homem pensa porque tem mãos”. Esta tese foi combatida no mundo grego, que possuía uma tradição escravagista e, portanto, desvalorizava todo trabalho manual.

Entender o pensar como uma manualidade é compreender o pensador como artesão da realidade. Os traços elaborados pelo artesão não se restringem aos paralelos espaciais descritos pela formalização do pensamento. A matéria que escorre entre seus dedos toma forma nas sinuosidades singulares de suas mãos e sua força tem a intensidade de suas fantasias e seus desejos.

Tragicamente, o destino da ciência e da filosofia foi conduzido pelas mãos de um pensar ocularizante a um pensamento formal que, na busca pelo entendimento seguro sobre a realidade, decaiu na simplificação do que realmente poderia ter sido apreendido: a materialidade do mundo ficou reduzida a uma abstração.

A ciência moderna levou a abstração e a formalização às suas últimas conseqüências com a supressão da experiência. Como diz Agamben, “*a expropriação da experiência estava implícita no projeto fundamental da ciência moderna*”³.

A experiência é a emergência do acaso e a expressão da singularidade das

²Aristóteles. *Metafísica*. A 1, 980 a.

³AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005 p. 25.

possibilidades que podemos desenvolver da medida das coisas. É com o signo da experiência que damos sentido aos nossos atravessamentos de sentimentos no fluir de nossa existência. Este sentido é a matéria formadora de mundo. A experiência é a dinâmica de formação desta matéria.

O risco representado pelo caráter emergente da experiência para o projeto da ciência moderna passa a justificar o amarramento de coletes que manipulem algo que parece ser incerto e inseguro. Como Agamben destaca, Francis Bacon afirma que

A experiência, se ocorre espontaneamente, chama-se acaso, se deliberadamente buscada recebe o nome experimento. Mas a experiência comum não é mais que uma vassoura dismantelada, um proceder tateante como o de quem perambulasse à noite na esperança de atinar com a estrada certa, enquanto seria mais útil e prudente esperar pelo dia ou acender um lume, e só então pôr-se a caminho. A verdadeira ordem da experiência começa por acender o lume; com este, em seguida, aclara o caminho, iniciando pela experiência bem disposta e ponderada e não por aquela descontínua às avessas; primeiro deduz os axiomas e depois procede novos experimentos.

Assim, a experiência é transformada em “o experienciável”. A diferença básica entre experiência e experimentação é o fato de a experiência nunca estar disponível, pois não há formas de programá-la: ela simplesmente é. A experimentação está disponível e pode ser guiada por métodos que funcionam como “cabrestos” para quem se propõe à reflexão a partir deles. Portanto, na modernidade, há uma sensação de desconfiância em relação aos sentimentos e uma confiança confortável em relação ao método como forma racional de compreensão/contenção da realidade. Agamben sintetiza muito bem isto, dizendo que

A comprovação científica da experiência que se efetua no experimento – permitindo traduzir as impressões sensíveis na exatidão de determinações quantitativas e, assim, prever impressões futuras – responde a esta perda de certeza transferindo a experiência o mais completamente possível para fora do homem: aos instrumentos e aos números.⁴

A “expropriação da experiência” começa na atividade científica e filosófica, porém ela vai se alastrando por todas as dimensões do humano. Chegamos a um ponto em que somos desautorizados a experienciarmos o mundo. O viver humano perdeu a singularidade da sua existência. O sentido para o projetar da existência é determinado por relações de impessoalidade com o mundo. Estamos na ditadura do “como se”. Pensa-se “como se” pensa, fala-se “como se” fala, escreve-se “como se” escreve, ama-se “como se” ama.

A “decrepitude diária” do homem é caracterizada pelos grilhões das proposições fundantes que procuram estabelecer diretrizes para a existência humana. O homem deixa de desenvolver autenticamente sua existência na medida que não possui a artesanalidade da autocompreensão e vive ridicularmente simpático a uma

⁴AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005 p. 26.

confortável realidade que lhe é colocada à disposição.

3 A DISCIPLINA E A INFÂNCIA

A compreensão que o senso comum elabora para a disciplina e a conotação que a palavra pode representar geralmente provocam um certo sentimento de restrição da liberdade. Esta sensação se confirma quando falamos que para disciplinar alguém precisamos castigá-lo ou fazê-lo sofrer algum mal para “aprender uma lição”.

Entretanto, em um estudo um pouco mais detalhado, poderemos ver que a disciplina não pode ser compreendida como um mal, mas como uma forma de educar para o exercício da liberdade. Kant diz que a diferença entre os animais e os homens é o seu potencial racional. A razão é o que possibilita ao homem a liberdade.

Em seu ensaio “Sobre a Pedagogia”, Kant diz que o homem em estado natural possui razão, mas ainda é um ser selvagem. Para desenvolver a razão, precisa da educação. A disciplina é a forma de se fazer com que o homem saiba tratar as suas inclinações de forma que seus desejos e suas paixões não prejudiquem o exercício da sua liberdade.

Kant relata o fato de que, tradicionalmente, os bebês são enrolados em faixas ou são colocados coletes para que seus ossos não se deformem com o crescimento. Esta atitude é criticada por Kant, na medida em que o colete não permite o livre desenvolvimento do corpo e prejudica os movimentos e o equilíbrio da criança. Para Kant, o colete não é a disciplina, mas uma forma degenerada de concebê-la.

Podemos receber o fato trazido por Kant como uma metáfora. A filosofia, a ciência moderna e a educação são âmbitos em que “coletes” estão sendo permanentemente impostos.

O pensar como extensão da ocularidade, a formalização da matéria e a impessoalização da experiência são caminhos para se impor um “correto” modo de pensar que esteja em consonância com uma ordem instituída. O pensar como ocularização é uma forma de se arrefecer a inquietação humana.

Bachelard tematizou o homem diurno e o homem noturno, o homem da ciência e o homem da poesia. O homem da ciência é aquele que só consegue pensar aquilo que o sentido da visão lhe possibilita. Por isso, é um homem que só pensa em uma diurnidade que ilumina a superfície dos objetos do mundo. Assim, este homem diurno está submetido à imagem que o reflexo da luz produz e que sua visão consegue alcançar.

Entretanto, a ciência moderna não entendeu essas limitações como um obstáculo para se pensar em dimensões mais profundas. Isto por que não conseguia se deslocar do lugar em que estava assentada para questionar os seus próprios pressupostos. A ordem estava dada pela sua própria configuração em estruturas de observação/submissão de um mundo já dado.

Já o homem da poesia é aquele que consegue pensar aquilo que a visão não lhe possibilita. Pelo contrário, a visão, para o homem da poesia, pode ser um condicionamento que restringe o seu pensar à superficialidade do cotidiano. Por isso,

é um homem que pensa em uma noturnidade. O noturno leva o homem a se recolher em seu interior, forjando em sua centelha os seus desejos e fantasias, sonhos e dragões.

O homem noturno não está condicionado à superfície da imagem do mundo. Sua vocação artesanal o impele a explorar as dimensões mais profundas da matéria, estando aberto a esta totalidade.

Os condicionamentos do pensar como extensão da ocularidade são “coletes” que vão sendo colocados nos seres humanos durante suas vidas. A experiência com a totalidade vai sendo inibida até se chegar ao ponto que a realidade passa a ser vista como uma superfície, onde se é possível demarcar os domínios do conhecimento e os papéis sociais que cada um deve desempenhar visando a eficiente estabilização da ordem.

Esta postura da ciência, da filosofia e da educação matam a infância. É interessante pensarmos na curiosidade das crianças, suas perguntas inquietantes e o seu alto nível de intuitividade. E mais interessante ainda é nos questionarmos por que, na medida em que vamos envelhecendo, perdemos o espanto diante do mundo, a sensibilidade para o detalhe e a inocência do perguntar.

Os processos educacionais impedem a manifestação da singularidade do ser humano. No espaço escolar, o ser humano tem todos os seus sonhos, angústias e fantasias rotulados como fragilidades e motivos de vergonha. Sua imaginação é sepultada sob o frio concreto em que se encenam os esquemas de “disciplinamento”. Nesta postura, a disciplina é a forma eficiente de transformação do ser humano em ator social. Cada um cumpre o papel que lhe cabe.

Assim, passamos a ter adultos que compartimentaram o mundo em horizontes para instalar seus dispositivos de sobrevivência. Cada um está voltado para seu próprio horizonte, sem ter, sequer, a angústia de construir uma abertura para a totalidade.

Podemos arriscar dizer que o sentido originário que Kant procurou resgatar para a disciplina como “educação para a liberdade” só é possível quando levamos em conta a infância. A disciplina parte da infância e volta para ela. E quando se afirma isto, não se está falando da infância como um período estanque da existência humana. A busca pela infância é uma construção que cabe a cada um de nós.

Bachelard nos diz que

(...) a infância dura a vida inteira. É ela que vem animar amplos setores da vida adulta. Primeiro, a infância nunca abandona as suas moradas noturnas. Muitas vezes uma criança vem velar o nosso sono. Mas também na vida desperta, quando o devaneio trabalha sobre a nossa história, a infância que vive em nós traz o seu benefício. É preciso viver com a criança que fomos. Isso nos dá uma consciência de raiz. Toda árvore do ser se conforta. Os poetas nos ajudarão a reencontrar em nós essa infância viva, essa infância permanente, durável, móvel.⁵

O resgate da experiência passa pelo redescobrimto da infância. A

⁵BACHELARD, Gaston. *A poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. pp. 20-21.

experiência se dá em um estado de infância. O espanto e a insuficiência da linguagem diante do novo nos impele a construir sentido para o mundo pela fantasia e pelo desejo. Este estado de infância é também um deixar-se abrir ao desconhecido, à experiência do inaudito.

Portanto, a disciplina como educação para a liberdade e construção de mundo tem sua possibilidade em um retorno à infância. O regresso à infância nos liberta dos condicionamentos que nos impedem experimentar o novo como desconhecido. O inaudito só pode ser experienciado na medida em que nos deixamos atravessar por nossos devaneios:

Na nossa infância, o devaneio nos dava a liberdade. E é notável que o domínio mais favorável para receber a consciência da liberdade seja precisamente o devaneio. Aprender essa liberdade quando ela intervém num devaneio de criança só é um paradoxo quando nos esquecemos de que ainda pensamos na liberdade tal como a sonhávamos quando éramos crianças.⁶

4 CONCLUSÃO

A ciência moderna destruiu todas as possibilidades da constituição da singularidade da existência humana a partir da ideia de embotamento da experiência em nome de um formalismo nas estruturas explicativas do mundo. Com isso, foram sendo sedimentados vários condicionamentos que impossibilitaram uma existência humana autenticamente livre.

O homem negou-se a liberdade para sonhar e sentir o mundo. O homem estava submetido à constituição imagética do mundo que pesava sobre seus olhos. A poesia e o sonho eram compreendidos como aspectos fantasiosos e sem relevância para o conhecimento.

Bachelard procura denunciar e desconstruir a ideia de um pensar ocularizante, que torna o homem refém de uma realidade dada. Para isso, Bachelard elabora a figura do homem diurno e do homem noturno, em que um desenvolve o pensar da ciência e o outro o da poesia. No resgate da experiência, devemos pensar no homem noturno como um retorno à infância.

Entretanto, não podemos atribuir a dominância de um em relação ao outro. Na verdade, a constituição da existência humana se dá numa tensão entre a diurnidade e a noturnidade, compondo um instante crepuscular que resgate a indissociabilidade entre o racional e o irracional.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. (Publicado pela Editora Loyola).

⁶BACHELARD, Gaston. *A poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 95.

- BACHELARD, Gaston. *A poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *O Direito de Sonhar*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1970.
- STEIN, Ernildo. *Pensar é pensar a diferença: filosofia e conhecimento empírico*. Ijuí: Unijuí, 2002.

